

BATELLA, Juva. *Do Gato Ulisses as sete histórias*.
Ilustração de Karina Kuschnir. Rio de Janeiro:
Vieira & Lent, 2015. 72 p. (*Cattus Fugit*)



Na *Odisseia*, Ulisses tem uma ideia: usar um cavalo, ou a forma dele, para invadir uma cidade e chacinar o inimigo. No decurso do regresso vitorioso a casa, que demorará dez anos, os seus companheiros serão, entre outros sacrifícios, transformados em porcos. Para seduzir Leda e gerar Helena de Troia, Zeus, o deus dos deuses, transforma-se em cisne. Nas suas comédias, Aristófanes recorre a vespas, aves e rãs não para se expandir sobre a glória deste ou daquele homem, mas sim para questionar e criticar a sociedade e a ação humana. Os limites e as fronteiras entre os bichos, os deuses e os homens são, assim, por vezes vagos e como que trocam de identidade e referente ao longo da história ocidental, como se aguardassem o melhor da lucidez que só a ironia desvela.

Colocados perante aquilo que somos, ficamos estranhamente mais humanos.

Em *Do Gato Ulisses as sete histórias*, Juva Batella agarra a epopeia pelo cachaço e, em dez capítulos de prosa versificada com rima emparelhada, narra a terna e quase-trágica história do gato Ulisses, único sobrevivente de uma ninhada de sete gatinhos, todos com vidas tão efêmeras quanto promissoras. Num ritmo doce e veloz, lemos e reconhecemos a melodia das grandes histórias, uma cantilena que fala da vida. E da morte no seu encaço.

Simbad, *o Gatuno*, Gato Gatóvsky, Cat Trompete, Fugaz, *o Audaz*, Oz, *o Veloz* e Gato Mauricinho: além da sua própria, eis as seis vidas que o nosso herói Ulisses vai viver – porque as vidas são para ser vividas, e alguém tem de o fazer. Numa homenagem aos efêmeros irmãos e por conselho da mãe que o deitou ao mundo, atira-se de cabeça para cumprir a sua promessa: “não andaria moribundo, meditando, perdendo da vida nem um segundo”. Sempre redentor, luminoso e destemido, Ulisses vai agarrar todas as seis vidas que os irmãos deixaram escapar e, qual apaixonado, só as vai largar quando delas se cansar, porque o caminho é para a frente e faz-se caminhando.

Depois de reinventar o cânone do romance policial em *O verso da língua* e de dar um novo significado a “gramática histórica” em *A língua de fora*, Juva Batella entrega-se à epopeia com a dedicação linguística e poética

a que nos habituou e traz-nos uma história filosófica sobre a vida, que se faz a, ante, após, até, atrás, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob e sobre a morte. Todas as preposições se juntam neste texto aparentemente singelo para construir um verdadeiro tratado sobre a urgência, mais do que sobre a fugacidade, da vida. Sem frescuras nem achaques, à boa maneira clássica, a viagem do nosso herói começa por mar: na busca por comida, encontra um barco – e a mesma fome que para ali o encaminhou, dali o levou. Ulisses sabe que a vida tem por aposto tanto a fugacidade como a fuga e que, se para sobreviver, há que fugir da morte, para viver, há que fugir do tédio. Na fuga de uma, não raro encontramos a outra, e apenas uma coisa pode salvar-nos dos trágicos destinos da quietude: a viagem.

Partiu, portanto, o nosso Ulisses neste périplo salvador, que tem um outro nome, dado pelos gregos e que já o outro Ulisses, o da *Odisseia*, cumprira: o *nostos* – uma aventureira e épica viagem por mar de regresso a casa. Este movimento, tão particular que foi cunhado com poesia, é mais do que uma viagem: é prova de valor e de estatuto do viajante. Passando pelas maiores provações, situações de abalar a fé aos mais crentes e de pôr em causa o almejado retorno, termina, contra todas as expectativas, a sofrida travessia tal como a começou: de olhos postos no horizonte. Sucumbisse o herói ao medo, à dúvida de si mesmo ou, pior, ao conforto, e dele não rezaria a história, pois a *fortitude* é o único garante da sobrevivência e da imortalidade. O herói-gato Ulisses não entra em conflito com este preceito clássico e mantém, além de uma inabalável presença de espírito, uma certeza muito certa de quem é e do que quer: redimir as avaras Parcas forjando, ele próprio, um destino que não chegou a ser o dos irmãos para poder regressar à sua Ítaca, e logo cumprir o seu próprio destino: viver a sua vida. E esta é uma das dimensões mais bonitas desta breve epopeia: a generosidade de Ulisses, o gato, no propósito do seu caminho e a bonomia com que aceita os reveses e as encruzilhadas que vai encontrando e ultrapassando, com a sabedoria de quem desconfia que há mais marés que marinheiros.



As ilustrações de Karina Kuschnir que acompanham o texto são perspicazes no mimetismo da plasticidade e do movimento que compõem uma história onde início e fim se confundem e entrelaçam. A imagem do círculo que é ciclo, consumada no conselho da mãe do gato Ulisses, é confirmada pelo traço contínuo e fluido, como uma viagem.

A Humanidade retratada num gato, num poema à liberdade e à bela incerteza que é a vida, com uma

mensagem de aventura e coragem a lembrar-nos que as lições de vida não se dão, aprendem-se.

Lisboa, 27 de junho de 2016

EURÍDICE GOMES

Universidade de Lisboa

Recebido: 23 de março de 2016

Aprovado: 25 de maio de 2016

Contato: euridicegomes@gmail.com